



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVIDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE BACHARELADO EM ADMINISTRAÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO



Empresas juniores na cidade de Picos – PI:
Uma abordagem histórica

José Agnayo Borges Vera¹, Kary Emanuelle Reis Coimbra²

¹Graduando em Administração pela UFPI;

²Professora da UFPI, mestre, orientadora.

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

V473e Vera, José Agnayo Borges
Empresas juniores na cidade de Picos-PI: uma abordagem histórica / José Agnayo Borges Vera– 2017.
CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (20f.)
Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2017.
Orientador(A): Profª. Ma. Kary Emanuelle Reis Coimbra.

1. Empresas Juniores. 2.Administração-Estudantes.
3. Empresas Juniores-Picos. I. Título.

CDD 658.022



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO
Rua Cícero Eduardo S/N – Bairro Junco – 64.600-000 – Picos – PI.
Fone (89) 3422-1087 – Fax (89) 3422-1043



PARECER DA COMISSÃO EXAMINADORA
DE DEFESA DE ARTIGO CIENTÍFICO DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

JOSÉ AGNAYO BORGES VERA

Empresas juniores na cidade de Picos – PI: uma abordagem histórica

A comissão examinadora, composta pelos professores abaixo, sob a presidência da primeira, considera a discente como:

- Aprovado(a)**
 Aprovado(a) com restrições

Observações: a nota está condicionada a entrega do TCC final com todas as alterações sugerida pela banca nos prazos previamente estabelecidos.

Picos (PI), 05 de dezembro de 20 17.

Kary Emanuelle Reis Coimbra
(Orientador – Kary Emanuelle Reis Coimbra, Ma.)

Cléverson Vasconcelos da Nobrega
(Membro 1 – Cléverson Vasconcelos da Nobrega, Dr.)

Renata Tomaz Cunha de Sousa
(Membro 2 – Renata Tomaz Cunha de Sousa, Esp.)

RESUMO

As empresas juniores são organizações estudantis, sem fins lucrativos, mas com fins educacionais, formada por alunos do ensino superior que desejam estar mais próximos do mercado, colocando em prática aquilo que é adquirido em sala de aula. O número de empresas juniores vem crescendo ao longo do tempo, principalmente no Brasil. O objetivo deste trabalho é analisar o processo histórico do surgimento das empresas juniores na cidade de Picos – PI. A pesquisa foi baseada em um método histórico de cunho qualitativo, apresentando características de natureza descritiva. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo através de entrevistas com roteiros semiestruturados com os fundadores e participantes das empresas juniores da cidade de Picos. Os resultados apontam que essas organizações surgiram, principalmente pela iniciativa dos próprios alunos ou professores, recebiam apoio das instituições de ensino e que foi de grande importância para a formação dos alunos participantes. Como conclusões, observamos que as empresas juniores da cidade de Picos desviaram-se do seu propósito ao longo do tempo e que não havia muita comunicação, não só entre elas, mas com as demais empresas juniores.

Palavras-chave: empresas juniores, estudo histórico, Picos - PI.

ABSTRACT

The junior enterprises are student organizations, non-profit organizations, but for educational purposes, formed by higher education students wishing to be closer to the market, putting into practice what is acquired in the classroom. The number of junior enterprises has grown over time, mainly in Brazil. The objective of this work is to analyze the historical process of the emergence of junior enterprises in Picos city, Piauí. The research was based on a qualitative historical method, presenting features of a descriptive nature. It was made a bibliographic research and a field research through interviews with semi-structured scripts with the founders and participants of the junior enterprises of the Picos city. The results show that these organizations arose, mainly through the initiative of the students or teachers themselves, received support from educational institutions and was of great importance for the formation of the participating students. As conclusions, we observed that the junior enterprises in the city of Picos deviated from their purpose over time and that there was not much communication, not only among them, but with the other junior enterprises.

Keywords: junior enterprises, historical study, Picos – PI.

1 INTRODUÇÃO

Assim como a teoria é importante para formação profissional dos alunos do ensino superior, assimilar isso na prática é outro aspecto importante, pois é complementar ao ciclo de aprendizagem, sendo também necessário para que o conhecimento gerado pela teoria não se torne inutilizável, mas aplicável à realidade da sociedade. Já podemos notar que o ensino superior nos dias atuais não é como antigamente, onde o aluno só tinha oportunidade para colocar em prática aquilo que é aprendido em sala de aula nos estágios obrigatórios, nos anos finais do curso. Os estudantes estão em busca de mais experiências práticas desde de muito cedo, principalmente porque o mercado está cada vez mais competitivo, com isso, eles estão mais abertos a uma série de oportunidades dentro e fora da universidade, como projetos de extensão, organizações estudantis, estágios extracurriculares, organizações não-governamentais e etc.

É nesse contexto que surgem as empresas juniores, organizações estudantis, sem fins lucrativos, mas com fins educacionais, constituídas por estudantes do ensino superior que decidiram colocar em prática os conhecimentos adquiridos na universidade ainda no seu período de formação, tendo como objetivo tornar mais próxima a relação entre a academia e o mercado de trabalho, contribuindo com a formação de profissionais mais qualificados e dando oportunidade para que micro e pequenas empresas possam ter acesso a serviços especializados e de baixo custo. A ideia da empresa júnior surgiu na França, em 1967, e logo se espalhou por toda a Europa. A partir de então, o número dessas organizações só tem crescido no cenário mundial e, principalmente, no Brasil, onde a primeira empresa júnior foi fundada em 1987 (MATOS, 1997). Mesmo com a chegada desse modelo de organização 20 anos após o seu surgimento, dados comprovam que o Brasil já ultrapassa a Europa em número de empresas juniores, sendo o país com o maior número de empresas juniores do mundo (BRASIL JÚNIOR, 2017).

Apesar do Brasil apresentar esse crescimento expressivo, nota-se que o mesmo não é uniforme entre todas as regiões. No Piauí, por exemplo, as empresas juniores encontram-se em um nível de maturidade ainda muito baixo, sem que haja um relacionamento mais próximo entre elas e nem mesmo com as demais empresas juniores no cenário nacional. Além disso, o número de empresas juniores do Piauí reconhecidas pela Brasil Júnior – Confederação Brasileira de Empresas Juniores, ainda é irrelevante, levando em consideração outros estados.

Diante do que foi exposto, considerando a importância das empresas juniores para a educação, para o mercado e para a sociedade em geral, inicialmente a proposta de estudo tinha como objetivo analisar como ocorreu o surgimento das empresas juniores no estado do Piauí e qual foi o seu processo evolutivo com o passar dos anos. Entretanto, mediante algumas dificuldades na realização da pesquisa, como tempo, recursos e disponibilidade de dados, a pesquisa se tornou mais restrita, trazendo o olhar para a cidade de Picos, uma das cidades-polo de empresas juniores no Estado.

Nesse sentido, neste estudo temos como objetivo **caracterizar o processo histórico do surgimento das empresas juniores na cidade de Picos – PI**, tendo como objetivos específicos: a) investigar quais foram as empresas juniores pioneiras na cidade de Picos; b) identificar quais os fatores influenciaram a criação das empresas juniores estudadas e as principais dificuldades enfrentadas por elas; e c) descrever a representação das empresas juniores para os sujeitos.

O procedimento metodológico deste trabalho é baseado em um estudo histórico analisando não apenas documentos, mas utilizando-se de outras fontes como depoimentos e narrativas de história oral, buscando verificar as características das organizações, de seus processos e atividades, durante o período estudado (CURADO, 2001). Para a composição do estudo, inicialmente realizou-se uma pesquisa bibliográfica a fim de identificar como se deu o

surgimento das empresas juniores no contexto mundial e no Brasil, elementos apresentados na seção 2 do trabalho. A pesquisa bibliográfica, dessa forma, pretende fundamentar teoricamente o objeto que está sendo estudado, contribuindo com elementos que auxiliaram futuramente na análise dos dados obtidos (LIMA; MIOTO, 2007). Posteriormente, a coleta de dados do estudo foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com fundadores das empresas juniores da cidade de Picos e com membros dessas empresas juniores em diferentes gestões. Os detalhes metodológicos sobre a fase de campo serão detalhados na seção 3.1 e a apresentação das entrevistas nas seções 3.2, 3.3 e 3.4.

Quanto à natureza, trata-se de um estudo qualitativo, levando em consideração o aprofundamento da compreensão de um grupo social ou organização e não a preocupação com a quantidade numérica, consistindo em um método mais apropriado à dinâmica de fenômenos revestidos por aspectos subjetivos e que não seria possível de ser identificados por meio de métodos tradicionais, ou seja, funcionalistas e/ou quantitativos (GERHARDT; SILVEIRA, 2009; LEMOS JÚNIOR; SANTINI; SILVEIRA, 2015). Esta pesquisa caracteriza-se ainda como descritiva, pois tem como objetivo descrever os fatos e acontecimento de um determinado fenômeno, levantando opiniões, atitudes e crença dos sujeitos (GIL, 2002).

Este estudo é composto por quatro seções, a contar desta introdução, na seção 2 serão apresentadas algumas informações encontradas na realização da pesquisa bibliográfica, em seguida na seção 3 teremos os resultados da pesquisa de campo e, por fim, na seção 4 apresentamos as considerações finais do trabalho.

2 HISTÓRICO DAS EMPRESAS JUNIORES: O CASO DO BRASIL

A história das empresas juniores ainda é recente, mas vem ganhando força ao longo do tempo. A primeira empresa júnior foi fundada em 1967, na França, por iniciativa de estudantes da *L'École Supérieure des Sciences Economiques et Commerciales* (ESSEC), de Paris. Criada com o objetivo de aproximar os estudantes à realidade do mercado, pois estes acreditavam que era necessário complementar sua formação acadêmica com experiências práticas, dessa forma, trazendo um acréscimo de conhecimentos por meio da vivência empresarial e para isso criaram uma associação sem fins lucrativos denominada *Junior-Entreprise* (MATOS, 1997).

Dois anos depois, em 1969, a França já contava com mais de 20 empresas juniores, que juntas organizaram-se para a fundação da *Confédération Nationale des Junior-Entreprises* (CNJE). E esse número continuou a crescer, no início dos anos 80, já se encontravam mais de 100 empresas juniores ligadas a CNJE. Logo a expansão do modelo chegou aos países mais próximos da França e, em 1986, já podiam ser encontradas empresas juniores na Bélgica, Espanha, Holanda, Portugal, Itália, Suíça, Alemanha, Hungria e outros países. Como consequência da união dessas empresas juniores na Europa, surgiu a JADE – *European Confederation of Junior Enterprise* (MATOS, 1997).

De acordo com Matos (1997), a chegada das empresas juniores no Brasil aconteceu em 1987, por meio do diretor da Câmara de Comercio Franco-Brasileira na época, João Carlos Chaves. Os primeiros a aderirem a ideia foram os estudantes da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo, que fundaram a primeira empresa júnior do Brasil, a Júnior GV. Em meados da década de 90, a próxima a ser fundada foi a Junior FAAP, seguida por outras cinco empresas juniores. Juntas, essas empresas juniores localizadas no estado de São Paulo fundaram a primeira federação estadual de empresas juniores, em 1990, a FEJESP – Federação de Empresas Juniores do Estado de São Paulo, que tinha como um dos objetivos a expansão desse conceito de organização.

Já em 1993, a FEJESP organiza o I Encontro Nacional de Empresas Juniores (ENEJ), realizado no próprio estado de São Paulo, contando com a participação de empresários juniores de vários estados, gerando o surgimento de outras federações estaduais. Dez anos depois, é

criada a Confederação Brasileira de Empresas Juniores – Brasil Júnior, durante o OXI ENEJ, 11ª edição do encontro, realizado em Salvador, na Bahia, que ocorreu em agosto de 2003 (BRASIL JÚNIOR, 2015).

A conquista mais recente das empresas juniores em âmbito nacional foi a aprovação da Lei das Empresas Juniores – Lei Nº 13.267/2016 (BRASIL, 2016), que tem como objetivo disciplinar a criação e a organização das empresas juniores, assim como o funcionamento das mesmas perante as instituições de ensino superior. Além de dar maior legitimidade as empresas juniores, facilitou o processo de fundação e as formas legais de se registrar, proporcionando mais uniformidade para elas aqui no Brasil.

O Conceito Nacional de Empresa Júnior – CNEJ, desenvolvido pela Brasil Júnior, apresenta no seu Artigo 2º que as Empresas Juniores:

São constituídas pela união de alunos matriculados em cursos de graduação em instituições de ensino superior, organizados em uma associação civil com o intuito de realizar projetos e serviços que contribuam para o desenvolvimento do país e de formar profissionais capacitados e comprometidos com esse objetivo (CNEJ, 2007, p. 1).

O processo de aprendizagem dos membros de uma empresa júnior acontece por meio da prestação de serviços de consultoria para micro e pequenas empresas que, na maioria dos casos é orientado por um professor, e pela gestão organizacional da empresa júnior, realizada exclusivamente pelos estudantes. Desse modo, além de atuarem no mercado de trabalho, os membros têm a oportunidade de se desenvolverem pessoal e profissionalmente, aprimorando habilidades como capacidade de negociação, comunicação, senso crítico, flexibilidade, espírito empreendedor, dentre outras (BONFIGLIO, 2006).

Apesar de não terem fins lucrativos, as empresas juniores executam seus projetos para outras empresas a um valor abaixo do mercado e o dinheiro arrecadado com os serviços prestados são investidos na própria empresa júnior e/ou na capacitação de seus membros. Segundo um estudo realizado por Batista *et al* (2010), a contrapartida para as empresas contratantes desses projetos são: projetos de qualidade com um bom custo-benefício; melhoria da gestão e resultados da empresa; transmissão de conhecimento aos cliente e etc.

Para Andrade e Alves (2004), as empresas juniores destacam-se por possibilitar o desenvolvimento tanto para o cliente – a organização ou pessoa física que contrata os serviços da EJ (Empresa Júnior) – como para seus membros, que é considerado um cliente interno. Desse modo, ainda segundo esses autores, uma EJ possui como objetivo: prestar serviços de consultoria para micro e pequenas empresas, auxiliando no seu desenvolvimento e procurando solucionar problemas encontrados; proporcionar aos alunos oportunidades de colocarem em prática seu conhecimento adquirido na universidade, estabelecer o relacionamento entre estudantes e o mercado de trabalho; dentre outros.

Observamos então, que as empresas juniores também possuem sua parcela de contribuição para a sociedade, mas segundo Guimarães, Senhoras e Takeuchi (2002) o principal cliente da EJ é o próprio aluno, pois o grande papel de uma empresa júnior é estreitar os laços entre universidade-mercado, onde estes alunos participantes são favorecidos não só com a sua formação social, cultural e tecnológica, mas também são estimulado a desenvolverem um caráter empreendedor no futuro profissional que serão.

A participação em uma empresa júnior agrega muito ao estudante que passa por essa experiência, influenciando na sua empregabilidade durante ou após o seu período de formação. Como aponta Dal Piva *et al.* (2006) em seu estudo, os próprios empresários contratam os acadêmicos que conheceram durante a realização de algum projeto para a sua empresa, devido a observação de suas habilidades e conhecimentos demonstrados, e/ou por quererem dar continuidade à implementação de técnicas iniciadas pelo projeto.

As empresas juniores oferecem uma diversidade de experiências de aprendizado, pois estas organizações atribuem aos estudantes responsabilidades e vivências mais interessantes do que as vistas em programas de estágio comuns, principalmente pela construção e organização do ambiente. As empresas juniores são geridas pelos próprios alunos, que é um diferencial em comparação com o estágio, onde a atuação do aluno que está estagiando na maioria das vezes é limitada, não tendo a oportunidade de dar opiniões, tomar decisões, ou colocar em prática aquilo que é aprendido em sala de aula. Diferentemente, nas EJ's os membros possuem maior autonomia, flexibilidade, além de estimular o espírito empreendedor (SOUZA, 2002).

Assim, as empresas juniores surgem como uma espécie de laboratório, não só como forma de aplicação da teoria na prática, mas na perspectiva de transformar os universitários em melhores profissionais, através de um forte impacto na sua formação e qualificação. Dessa forma, a empresa júnior é vista como um fator importante no processo de transformação de estudantes em profissionais (OLIVEIRA, 2005).

Portanto, podemos notar como o movimento empresa júnior estabelece uma relação mútua entre as instituições de ensino superior, estudantes, professores e mercado, proporcionando uma troca de benefícios entre todos os atores participantes, sendo uma ferramenta válida para o ensino, qualificação profissional e impacto social (EMMENDOERFER; CARVALHO; PEREIRA, 2008).

3 AS EMPRESAS JUNIORES NA CIDADE DE PICOS

3.1 Delineamento da pesquisa de campo

Nesta seção apresentamos os dados obtidos na pesquisa de campo sobre as empresas juniores na cidade de Picos, coletados através das narrativas de atores importantes na história dessas organizações na cidade. Foram identificadas 4 (quatro) empresas juniores cadastradas na cidade de Picos atualmente, conforme apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 – Empresas juniores da cidade de Picos – PI

EMPRESA JÚNIOR	ANO DE FUNDAÇÃO	CURSO	INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR	STATUS ATUAL
SWOT Consultoria Júnior	2009	Administração	Instituto de Ensino Superior Raimundo Sá	Ativa
Trópicos Empresa Júnior	2009	Administração	Universidade Federal do Piauí	Ativa
Contiesrsa Consultoria Júnior	2011	Contabilidade	Instituto de Ensino Superior Raimundo Sá	Ativa
ADM Consultoria Júnior	2017	Administração	Universidade Estadual do Piauí	Ativa

Fonte: elaborado pelo autor, 2017.

Em relação aos sujeitos da pesquisa, foram entrevistadas um total de 7 pessoas, sendo: 4 fundadores das EJ's existentes; e 3 membros pertencentes a essas EJ's em diferentes gestões. A coleta das entrevistas aconteceu entre os meses de agosto e novembro do ano de 2017, através roteiros semiestruturados. Os depoimentos foram gravados e posteriormente transcritos de maneira literal, para conferir autenticidade. A identidade dos depoentes foi preservada a fim de preservar a veracidade das informações e o seu anonimato. Nesse estudo, os entrevistados serão nomeados de acordo com a nomenclatura estabelecida no Quadro 2, mostrado na próxima página.

Quadro 2 – Perfil dos sujeitos entrevistados

NOMENCLATURA	EMPRESA JÚNIOR	CARGO
F1	SWOT Consultoria Júnior	Fundador
F2	Trópicos Empresa Júnior	Fundador
F3	Contiesrsa Consultoria Júnior	Fundador
F4	ADM Consultoria Júnior	Fundador
M5	Trópicos Empresa Júnior	Membro da Gestão 2013
M6	Contiesrsa Consultoria Júnior	Membro da Gestão 2015
M7	Trópicos Empresa Júnior	Membro da Gestão 2017

Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

Para análise dos dados, foi utilizado como método a análise de conteúdo, que é considerada um conjunto de técnicas para o tratamento de dados que visa identificar o que está sendo dito a respeito de determinado tema (VERGARA, 2006).

3.2 As empresas juniores pioneiras na cidade de Picos

A primeira empresa júnior da cidade de Picos surgiu em 18 de novembro de 2009, vinculada ao Instituto de Ensino Superior Raimundo Sá, como consta no *site* institucional da faculdade (FACULDADE R.SÁ, 2017). Denominada SWOT Consultoria Júnior, a EJ surgiu da iniciativa dos alunos do curso de Administração da faculdade. Em entrevista com um de seus fundadores, ele afirmou que a ideia de fundá-la surgiu como consequência de algumas pesquisas realizadas na internet, conhecendo e entendendo a importância desse projeto para a formação dos alunos.

(1) Na verdade, assim, na época da graduação, a gente costumava fazer muita pesquisa sobre tudo, aí a gente chegou nessa conclusão, nessa pesquisa sobre empresa júnior, e aí surgiu a vontade de montar. A gente comentou com a coordenação do curso, e aí iniciou todo o processo (F1).

Figura 1 – Logomarca da SWOT Consultoria Júnior



Fonte: arquivo da EJ, 2017.

Bem próximo à fundação da SWOT Consultoria Júnior, também surge outra empresa júnior na cidade, a Trópicos Empresa Júnior, esta vinculada ao curso de Administração da Universidade Federal do Piauí, fundada em 03 de dezembro de 2009. Diferentemente da SWOT, a Trópicos partiu da iniciativa de professores do curso, que já conheciam empresas juniores de outras universidades, e assim trouxeram a ideia para os alunos:

(2) [...] existia uma pré-montagem de uma empresa júnior com uma professora chamada Francisca Cosme, ela era de Picos e ela conhecia a empresa júnior de Teresina e veio com essa proposta de montar uma empresa júnior aqui em Picos [...]. No segundo período, chegou um professor na universidade chamado Ribamar e aí ele veio com essa proposta, juntou alguns alunos e falou “vamos montar uma empresa júnior”. Então, essa professora (Francisca Cosme) passou no mestrado e foi embora e ele tomou de conta da ideia. Ele já tinha vindo de uma universidade que tinha uma empresa júnior e queria implantar a empresa júnior aqui. [...] Então, primeiramente a ideia veio desse professor que veio de fora. A gente não sabia o que era empresa júnior, como funcionava, até porque a gente era calouro, a gente tinha acabado de entrar na universidade (F2).

Figura 2 – Logomarca da Trópicos Empresa Júnior



Fonte: arquivo da EJ, 2017.

Após a fundação dessas duas empresas juniores, a cidade de Picos só veio receber a fundação de uma nova empresa júnior em junho de 2011, a Contiesrsa Consultoria Júnior, ligada ao curso de Contabilidade do Instituto de Ensino Superior Raimundo Sá. A criação desta empresa júnior surgiu do interesse da própria faculdade, sendo a segunda a ser implantada na instituição, depois da SWOT Consultoria Júnior. Um dos fundadores da Contiesrsa apontou em sua entrevista que a ideia veio da vice-diretora da faculdade da época, solicitando a realização de algumas pesquisas que comprovassem a viabilidade da faculdade de receber outra empresa júnior. Após identificar a necessidade de mais práticas no curso, notou-se a importância da criação da empresa júnior:

(3) Primeiramente, a necessidade da Faculdade R.Sá ter uma empresa júnior pra assimilar a prática com a teoria, né. Porque basicamente, o aluno hoje [...] quando ele sai, ele sai só praticamente com a teoria. Então a empresa júnior na verdade ela é um complemento do estudo do aluno [...] (F3).

Figura 3 – Logomarca da Contiesrsa Consultoria Júnior



Fonte: Arquivo pessoal da EJ, 2017.

A última, e mais recente, empresa júnior a ser fundada na cidade de Picos foi a ADM Consultoria Júnior, do curso de Administração da Universidade Estadual do Piauí, fundada em fevereiro de 2017. A proposta surgiu da iniciativa dos alunos que formavam o Centro Acadêmico de Administração, que tinham como objetivo trazer melhorias para o curso e enxergaram na empresa júnior essa oportunidade de melhoria:

(4) [...] a gente estava buscando, assim, formas de melhorar o nosso curso, formas de levar da teoria à prática, e nessas conversas com os professores, me lembro bem do coordenador dizer isso, da importância da empresa júnior, da conversa com a coordenação, com os professores, de outros colegas, por exemplo da (Universidade) Federal, que já tinha empresa júnior [...] (F4).

Figura 4 – Logomarca da ADM Consultoria Júnior



Fonte: arquivo pessoal da EJ, 2017.

Podemos observar que o surgimento das empresas juniores na cidade de Picos parte, em sua maioria, da iniciativa dos próprios alunos ou de professores que acreditam que a experiência que a empresa júnior pode proporcionar a esses alunos será importante para a sua formação profissional, visto que a empresa júnior em si tem como objetivo pôr em prática o conteúdo que é apresentado na teoria em sala e aula. Desse modo, como já afirmado por outros estudos, as empresas juniores são consideradas como uma espécie de laboratório para que os alunos possam colocar em prática seus conhecimentos (OIVEIRA, 2005).

De acordo com as entrevistas, em todos os casos, os próprios alunos ficaram responsáveis pelo processo de fundação e regularização, mas, devido à falta de conhecimento e experiência, recorreram a fontes que pudessem lhe ajudar nesse processo. A fonte de informações mais utilizada era a internet, além do estabelecimento de contatos com os membros de outras empresas juniores já fundadas no Estado. Quando procuravam entrar em contato com outras EJs, geralmente era com alguma empresa júnior da capital, Teresina, mas ninguém chegou a citar o nome da empresa júnior e nenhum dos fundadores buscou algum contato com empresas juniores de fora do Piauí. No caso da ADM Consultoria Júnior, essa busca de informações já se apresentou de forma mais fácil, pois eles puderam contar com a Lei das Empresas Júniores – Lei Nº 13.267/2016, que oferecia mais segurança no processo de fundação, além de contar com as outras três empresas juniores da cidade.

Os profissionais contadores eram outra peça fundamental nesse processo de regularização das empresas juniores, pois precisavam realizar os registros necessários. Em alguns casos, eram os próprios contadores da universidade que, de forma voluntária, auxiliavam com informações ou com os pedidos de registro na Receita Federal.

(5) Como eu era da Faculdade R.Sá, a gente tinha acesso ao contador que trabalhava para a própria faculdade. Algumas informações a gente conseguiu com ele, outras na internet, outras a Coordenação (do curso de Contabilidade) correu atrás, enfim. A gente foi juntando, mas boa parte das informações, do processo, foi assessorado pelo contador, que ajudou a gente nesse processo de criação do CNPJ [...], questão do cartório, né, que tinha que ficar indo no cartório pra ver a documentação **(F1)**.

Sobre a escolha dos membros fundadores, os professores faziam uma indicação ou os próprios alunos reconheciam aquelas pessoas como destaques no seu curso e que demonstravam empenho também com a ideia de participar da empresa júnior e ajudar a fundá-la. O grupo de fundadores recebia bastante apoio por parte da instituição de ensino, que quase sempre contribuía com os recursos físicos e financeiros iniciais.

(6) [...] quando a gente foi atrás da Universidade, ela deu apoio pra gente, nos deu uma sala, material, material de escritório, a gente solicitou e eles deram pra gente. Ajuda dos próprios funcionários da universidade, contador, que eles nos orientavam e ajudavam muito a gente **(F2)**.

(7) [...] tanto da Coordenação (do curso de Administração), direção, o diretor estava presente na assembleia de fundação, deu total apoio, [...] tivemos alguns empecilhos, por exemplo, essa questão de estrutura, o campus não dispõe de uma sala, a gente teve que ir pra outro campus, tudo isso, mas na medida do possível, recebemos apoio sim **(F4)**.

O mesmo não acontecia quanto ao apoio do corpo docente e discente da universidade. Alguns professores ofereciam suporte, estavam mais presentes, principalmente aqueles que seriam futuros professores orientadores da empresa júnior ou coordenadores do curso, mas isso não era a atitude da maioria dos professores. Já os alunos reconheciam a importância da empresa júnior, mas eram poucos os que estavam dispostos a participar.

(8) [...] não teve aquela empolgação, aquela vontade de participar, “eu quero ajudar, eu quero participar”, do professor dizer assim: “vamos, eu vou procurar umas empresas pra vocês fazerem algum serviço”, não teve isso, era mais um ou dois que se empolgaram e a gente foi atrás **(F2)**.

(9) [...] a gente tinha um apoio maior da Coordenação, na época, que era a Professora Alina. Dos outros professores, quando tinha reunião, eles davam apoio, mas não se estendiam muito. [...] Mas a questão de conseguir trabalho, conseguir consultoria, de correr atrás das coisas, era mais com a coordenação mesmo, era a gente e a coordenação, eu acabava correndo atrás. Os outros professores orientavam, mas eram muito vagos e se a gente corresse atrás. **(F1)**.

(10) Assim, todo mundo achava muito bonito, muito bacana, mas de uma certa forma como o público da Faculdade R.Sá na época era um pouco diferenciado, que já trabalhava, que já estava inserido no mercado de trabalho, acaba que ficava mais pra gente que era mais jovem tomar de conta de tudo. Então, o apoio dos discentes, na época, eram poucas, pouquíssimas turmas, e era pouco divulgado o trabalho, era bem de início mesmo **(F1)**.

Quanto aos recursos físicos e financeiros iniciais, todas as EJ's receberam uma sala na própria universidade como sua sede, onde permanecem até os dias atuais, além de materiais de

escritório, como cadernos, canetas, resmas de papel e etc. Algumas EJ's também chegaram a receber computadores, mas já os recursos necessários para custear a regulamentação, vieram principalmente de eventos realizados pelos membros para arrecadação.

(11) Recursos financeiros, de início a gente organizou um evento, ainda esse evento todo voltado pra empresa júnior, organizado pela equipe da empresa júnior, mas de certa forma realmente tinha responsabilidade do Centro Acadêmico, porque empresa júnior não existia legalmente. Então o Centro Acadêmico fez esse evento, mas todo voltado pra empresa júnior e a gente conseguiu um bom valor nesse evento [...] **(F4)**.

3.3 Período inicial e as principais dificuldades

Os entrevistados descrevem o período inicial da empresa júnior como muito difícil devido a fatores como: necessidade de reconhecimento da direção, do corpo docente e do corpo discente, reconhecimento do mercado, escassez de informações e indisponibilidade dos membros, como podemos notar nas narrativas 12 e 13.

(12) O período inicial da empresa júnior foi bem difícil, até que a gente conseguisse conquistar nome perante os docentes, os discentes, e ainda tinha a questão do público externo, era bem complicado. A gente ainda chegou a fazer consultoria e tal. Chegamos a fazer algumas, chegamos a fazer na Casa Apis, na Piauí Têxtil, que era a antiga Industrias Coelho, chegamos a fazer alguns processos [...] **(F1)**.

(13) Tudo que você vai fazer no início é bastante difícil, não se constrói nada se você não começar do alicerce, tudo que se começa do alicerce, assim você tem a maior prioridade de ter uma melhor perspectiva futura. Então, tudo no início é difícil, então quando a gente fundou foi muito difícil [...]. Precisava de muitas informações, essas informações era muito restritas também, então a pouca informação que a gente tinha era através da internet e assim que foi **(F3)**.

Entretanto, já podemos notar uma mudança nos relatos dos membros que ingressaram após a gestão dos fundadores. Mesmo enfrentando dificuldades, eles descrevem seu período na empresa júnior como fundamental para sua formação, aparentemente, não apresentando os mesmos desafios citados pelos fundadores, o que mostra que houve evolução e desenvolvimento das EJ's na cidade.

(14) Foi um período em que a gente pôde trabalhar mais em equipe realmente e vivenciar dificuldades que a gente vivencia em empresas e a partir daí você se sente mais preparado pra o mercado de trabalho, pra o mundo. Então foi uma experiência onde eu não me arrependo nenhum minuto, foi incrível, assim, foi um momento de muito aprendizado pra mim **(M5)**.

(15) Bom, meu período na empresa júnior foi um dos mais difíceis de toda a minha vida acadêmica e um dos mais ricos também porque fazer parte de uma empresa júnior é uma experiência diferente de qualquer outra, porque o aluno não fica só preso na sala de aula, o aluno tem outra visão do que é estar inserido no ambiente acadêmico estando em uma empresa júnior. E a gente aprende muito quando a gente faz parte de uma empresa júnior, a gente aprende a ter uma visão diferenciada das pessoas que não fazem parte, principalmente uma visão de mercado **(M6)**.

Para a fundação e para dar continuidade às atividades da EJ, seus membros passaram por uma série de dificuldades no período em que ficaram na instituição. As dificuldades mais comuns eram: o financeiro, como inicialmente eles não tinham muitos serviços para realizar, não havia entrada de recursos, assim não possuíam dinheiro suficiente para manter os procedimentos internos; a falta de conhecimento nos processos de gestão, regulamentação e direção da EJ; e a falta de tempo de alguns membros, o que acabava por sobrecarregar alguns e deixar ociosos a outros.

(16) [...] conhecimento, era uma dificuldade muito grande porque a gente não tinha. Financeiro, uma dificuldade de toda empresa. Acho que isso, porque pessoas tinha, a questão era só conhecimento para poder ir e financeiro **(F2)**.

(17) Primeiramente, foi encontrar o tempo para poder constituir, como eu te falei, a gente já estava em processo de TCC [...], depois a maior dificuldade mesmo foi a financeira. [...] Porque não adianta ter só boa vontade, tem que ter a parte sólida, que é o financeiro para poder ele lhe dar a base para poder constituir, porque tudo tem custo **(F3)**.

Mesmo alguns anos após a fundação, uma dificuldade muito presente nas EJ's era de entender o real propósito de uma empresa júnior, que atividades realizar e, dessa forma, a falta de interesse dos demais alunos de ingressar, já que não tinham conhecimento o suficiente sobre o que era uma empresa júnior:

(18) São muitas dificuldades, mas a principal que eu tive e que até hoje eu venho tendo é a questão do desinteresse por parte não só dos alunos que estão de fora da empresa júnior, mas, principalmente, por parte da diretoria. Não sei se é porque eles ainda não tem uma visão assim definida do que é uma empresa júnior e qual a sua finalidade, que eu tenho muita dificuldade no interesse, no real interesse em atuar de verdade em uma empresa júnior **(M6)**.

(19) No primeiro momento foi definir melhor, tanto pra gente que estava ingressando, tanto para os alunos – pra Universidade Federal como um todo, vamos dizer assim – foi definir melhor o que era a empresa júnior e separar essa ideia de empresa júnior ser CA (Centro Acadêmico) porque na época não tinha CA de Administração e, como eu citei anteriormente, era bastante confundido. As obrigações do CA eram jogadas, vamos dizer assim, pra empresa júnior. Então, em um primeiro momento a dificuldade foi essa, a gente definir melhor o que que era a empresa júnior [...] **(M5)**.

Quando finalmente a EJ como um todo entendia que o seu propósito era ir ao mercado e procurar trazer soluções para as empresas da região, eles enfrentavam justamente a resistência desse mercado, que, muitas vezes, não conheciam o trabalho das EJ's e/ou não tinham confiança o suficiente para abrir as portas de suas empresas para estudantes ainda em formação.

(20) No decorrer da gestão, as dificuldades que surgiram foram a de conseguir consultoria porque as empresas de Picos, os empresários, têm mentes muito fechadas, vamos dizer assim, então era uma dificuldade que a gente tinha que era conseguir consultoria, tanto que sobrevivia mais de eventos propriamente do que de consultoria. Mas a gente conseguiu algumas e foi quebrando essas barreiras que a Trópicos, os participantes da Trópicos enfrentavam **(M5)**.

A dificuldade de conseguir espaço no mercado e realizar os primeiros serviços foi relatada pela maioria dos entrevistados, independente do período. Os sujeitos afirmam que o empresariado da cidade de Picos possuem uma forma de administrar ainda retrógrada, se apegando a métodos empíricos de gestão adquiridos ao longo dos anos, demonstrando-se receosos quanto aquilo que é vindo da academia, um dos possíveis motivos disso ocorrer é o fato da maioria das empresas na cidade serem de origem familiar. O que podemos observar que o caso da cidade de Picos é o oposto ao que é visto na teoria, onde os empresários não só contratam as empresas juniores para a melhoria de seus negócios, como também costumam contratar os integrantes da EJ contratada para suas empresas, o que não acontece na cidade pesquisada (DAL PIVA et al., 2006).

Apesar das dificuldades enfrentadas pelas empresas juniores, seus membros encontravam motivação nos professores que os apoiavam e no desejo de colocar em prática seu conhecimento, assim como a oportunidade de poder vivenciar o mercado empresarial na realidade.

(21) A vontade de crescer, a gente queria que empresa júnior crescesse, e representasse realmente uma empresa júnior em Picos, que os alunos aprendessem realmente na prática os conceitos de administração. Em uma cidade dessas é muito difícil você ter como praticar aquilo que você vê em sala de aula, a maioria das empresas são familiares, você não tem abertura pra trabalhar, e é bem complicado. A gente queria que os alunos aprendessem a colocar em prática pelo menos 1% daquilo que a gente aprende (F2).

3.4 A representação das empresas juniores

A partir dos relatos dos entrevistados, pode-se perceber que a participação na empresa júnior foi um marco importante na sua história, não só durante a sua formação profissional, mas também um marco na vida pessoal. Muitos deles sentem-se emocionalmente ligados a empresa júnior e acreditam que seu desenvolvimento particular veio através das experiências vividas na EJ, em alguns casos, a identificação com o curso só aconteceu após a participação na EJ.

(22) A empresa júnior representa pra mim um grande marco, vamos dizer assim, durante a minha graduação, foi uma experiência mesmo muito importante pra minha formação profissional. Eu me arrisco a dizer que foi um divisor de águas, porque a partir da empresa júnior eu tive mais paixão pelo curso de administração, por ser administrador, a partir dali foi que eu realmente me descobri dentro do curso. E eu só tenho coisas boas a falar da empresa júnior, foi realmente uma experiência única, foi uma coisa muito importante pra mim como aluno de administração, como pessoa e como administrador (M5).

(23) Certa vez eu ouvi de um professor da Universidade Federal da Bahia dizer que pra você fazer parte de uma empresa júnior você tem que ter amor por aquilo que faz, até porque você não tem um retorno financeiro, e é um trabalho voluntário, pra você trabalhar naquilo “de graça” tem que realmente ter amor por aquilo, por realizar aquela atividade e hoje eu posso dizer que eu tenho amor por estar na empresa júnior e por mais que a Contiersa ela ainda não realize muitos projetos voltados para a área da contabilidade, pra área fim dela, eu considero a Contiersa um laboratório, não só pra minha vida profissional, mas pra minha vida pessoal. Ela me ensinou, me ensina até hoje, hoje eu tenho uma visão de mundo diferente, eu tenho uma visão de mundo empresarial diferente através da Contiersa. E eu sempre costumo dizer que a Contiersa

é minha segunda família, porque eu dedico boa parte do meu tempo a ela [...] (M6).

Mesmo contribuindo de forma significativa para a formação dos estudantes, as empresas juniores ainda tem muito a desenvolver, principalmente na cidade de Picos, onde é apontado que o objetivo central da EJ foi perdido ao longo do tempo:

(24) Bom, eu vejo que as empresas juniores aqui de Picos ainda tem uma visão de certa forma limitada, por mais que as empresas juniores no Brasil já tenha ganhado muito espaço, já tenham crescido bastante, ainda vejo que aqui em Picos muitas tem uma certa limitação em relação de o que é uma empresa júnior de verdade. Os pontos positivos que eu vejo é a questão de, não todos os diretores, mas alguma parte terem uma certa vontade de fazer acontecer, de realmente trabalhar em uma empresa júnior (M6).

(25) As empresas juniores na cidade de Picos são uma iniciativa muito tímida, em que a gente tem por muitas vezes um estereótipo de que empresa júnior é pra fazer eventos, o que na verdade não é, empresa júnior está aqui pra fazer consultoria e pra transformar a realidade da nação. E a perspectiva que eu tenho é que com a federação, que a gente federou agora recentemente, o estado tem mudado essa realidade e já está mudando, as empresas juniores do estado já procuram a federação para já irem por um caminho certo, então a perspectiva que eu tenho para as empresas juniores na cidade de Picos é um grande desenvolvimento é uma grande mudança no mercado através dos projetos que vamos estar fazendo como empresários juniores (M7).

(26) Eu não sei se isso é bom ou isso é ruim, empresa júnior acaba que sendo mais pra organizar evento [...], mas eu acredito que se a gente tivesse um espaço maior no mercado mesmo, conseguisse fazer um link entre a instituição e o mercado mesmo, lá fora, saísse um pouco dos muros das instituições, eu acredito que seria bem mais proveitoso. Aí a grande pergunta é: por que a gente não sai? Aí tem dois pontos, primeiro a gente tem ainda um pouco de receio, e segundo que o mercado tem ainda é meio pé atrás. [...] Então eu acredito que as empresas juniores, elas seriam bem mais proveitosas se nós tivesse um espaço maior no mercado fora, que as empresas abrissem [...] (F1).

Podemos notar que algo que influenciou muito no desenvolvimento das EJ's na cidade de Picos foi o contexto em que elas surgiram e como isso foi sendo repassado para as próximas gestões. A partir das narrativas dos entrevistados percebe-se que inicialmente as EJ's utilizavam-se da realização de eventos para arrecadar os recursos iniciais ou até mesmo manter o funcionamento da EJ (narrativas 11 e 20), provavelmente, apropriando-se dessa cultura de que o objetivo da EJ seria fazer eventos, com isso as empresas juniores da cidade foram perdendo seu foco, provocando essa dificuldade de identidade quanto o real propósito das empresas juniores (narrativas 18 e 19), que é de prestar serviços para micro e pequenas empresas, auxiliando no seu desenvolvimento e procurando solucionar problemas encontrados, dessa forma, também capacitando os participantes envolvidos nos projetos, como retratado por alguns autores como Andrade e Alves (2004). Mas fica claro nos relatos dos entrevistados (narrativas 25 e 26) que as EJ's da cidade de Picos não devem continuar estagnadas nessa cultura atual, mas devem voltar a realizar o real papel das empresas juniores, que é sair da universidade e procurar soluções para as diversas organizações da sociedade, gerando assim melhoria não só no ensino e na qualificação profissional dos estudantes, mas também um impacto social positivo (EMMENDOERFER; CARVALHO; PEREIRA, 2008).

Por fim, outra falha percebida pelos membros fundadores e de outras gestões também, é a falta de comunicação entre as EJ's, e isso se dá não só em um contexto local da cidade de Picos, mas é um aspecto presente em todo o estado. Onde a empresa júnior, na maioria das vezes, não tem conhecimento da outra, não há troca de experiências e etc, conseqüentemente impossibilitando que essas EJ's cresçam juntas e compartilhem aprendizados. Já que entendemos que a finalidade da empresa júnior é educativa, assim o conhecimento que se ganha na EJ seria multiplicado se compartilhado entre elas.

(27) [...] eu gostaria de ter tido mais, assim, mais uma comunicação a mais por parte talvez, por exemplo, da própria (EJ) da UESPI, que a gente tivesse tido um retorno mais satisfatório do que a gente buscou. Eu sei que não é fácil, até porque cada empresa júnior tem seus problemas de cada dia, mas eu acho que seria bem legal se tivesse uma “entrosação” bem melhor (F4).

(28) [...] as empresas juniores poderiam se interagir mais, estarem mais conectadas, dizer “eu não sei e eu errei, me ajuda”. A gente percebe muita pouca interação, então é acreditar no movimento, acreditar nas empresas juniores e acreditar que podemos sim mudar o Brasil. Se unir mais, começando por mudando o contexto atual da cidade, assim impactar em todo o Brasil (M7).

Por meio dos fragmentos aqui apresentados, podemos notar que, apesar de curta, as empresas juniores na cidade de Picos possuem uma história com uma série de características próprias. Cada EJ possui uma história a contar desde a sua criação, passando por todo o seu processo de desenvolvimento até chegar aqui, mas todas partem do desejo de alunos ou professores que acreditavam na importância de mais experiências fora da sala de aula. Essas EJ's enfrentaram dificuldades e enfrentam até hoje, mas nunca deixam de procurar meios de continuar evoluindo e proporcionar a mais pessoas a oportunidade de uma vivência empresarial.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As empresas juniores são uma importante ferramenta de aprendizagem onde se tem como objetivo a total imersão dos estudantes na realidade do mercado, através de práticas reais que contribuem para o seu desenvolvimento. A partir disso, esta pesquisa teve como objetivo analisar o processo histórico do surgimento das empresas juniores na cidade de Picos – PI.

Em termos metodológicos, a pesquisa foi baseada em um método histórico de cunho qualitativo, apresentando características de natureza descritiva. O estudo foi composto por uma pesquisa bibliográfica acerca do surgimento das empresas juniores no contexto mundial e no Brasil e, posteriormente, foi realizada uma pesquisa de campo voltada para as empresas juniores na cidade de Picos – PI, utilizando como análise dos dados o método de análise de conteúdo.

A partir da pesquisa de campo pudemos relatar que a chegada das empresas juniores na cidade de Picos – PI aconteceu em 2009, com a criação da SWOT Consultoria Júnior, vinculada ao Instituto de Ensino Superior Raimundo Sá, encontrando-se ativa até hoje. Após esta, ainda surgiram outras 3 EJ's na cidade, todas elas, incluindo a SWOT Consultoria Júnior, ligadas a cursos de gestão, como Administração e Contabilidade, o que nos mostra que o conceito de empresa júnior ainda é pouco disseminado na cidade, predominando em cursos mais relacionados ao meio empresarial, não apresentando iniciativas em cursos de outras áreas, mesmo o modelo empresa júnior não apresentando essa restrição quanto a áreas de atuação.

Observamos também que a ideia de criar as empresas juniores, em sua maioria, partia dos próprios alunos ou de professores que já conheciam esse modelo de organização estudantil. Esses alunos buscavam, através da participação na EJ, adquirir mais conhecimento prático e

uma aproximação maior com o mercado. De acordo com os relatos, os participantes não só se desenvolviam profissionalmente, mas também pessoalmente, desenvolvendo suas competências individuais. Os membros atestavam receber grande apoio por parte da direção das instituições de ensino, podendo contar com o auxílio durante o processo de fundação, apesar de que os próprios participantes se responsabilizavam pelo processo. Quanto aos professores e os demais alunos não envolvidos, muitos apoiavam, mas poucos estavam dispostos a contribuir de alguma forma, fato ressaltado posteriormente ao ser destacado o desinteresse por parte de alguns alunos em participar da EJ, seja por desconhecimento ou pela incompreensão acerca de sua importância.

Durante a pesquisa, através das percepções dos sujeitos entrevistados, foi possível notar o quanto a vivência nas empresas juniores foi importante para a formação destes indivíduos, caracterizando-se como uma experiência prática única e relevante para esses alunos como futuros profissionais. Como sugestões de melhorias para as empresas juniores no contexto atual, os entrevistados ressaltam, principalmente, a importância dos participantes não se desviarem do propósito para o qual foram criadas as empresas juniores e também para que haja mais comunicação entre as EJ's e uma maior troca de experiências entre elas.

Como contribuições para pesquisas futuras, sugerimos um estudo do percurso histórico das empresas juniores em todo o Estado do Piauí, procurando analisar como ocorreu o desenvolvimento dessas organizações em outros municípios, identificando suas contribuições, características e peculiaridades, investigando de que forma a história das empresas juniores na cidade de Picos se relaciona com o contexto do Piauí e dos demais Estados do Brasil.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, R. O. B.; ALVES, C. Empresa júnior e sua contribuição no currículo dos cursos de graduação em administração. In: MORETTO NETO, L.; JUNKES, P. N.; ROSAURO, D. Z.; BENKO, F. (Orgs.) **Empresa júnior: espaço de aprendizagem**. Florianópolis: [s.n.], 2004.

BATISTA, M. K.; BITENCOURT, B. M.; SILVA, F. M.; RUAS, R. L. Empresa Júnior: onde a moeda de troca é o conhecimento. In: ENCONTRO DA ANPAD, 34, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2010.

BONFIGLIO, R. **A Importância da Empresa Júnior na Formação do Profissional de Geografia** [trabalho de conclusão de curso]. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Geociências, Centro de Ciências Exatas; 2006.

BRASIL. Lei nº 13.267 de 6 de abril de 2016. **Disciplina a criação e a organização das associações denominadas empresas juniores, com funcionamento perante instituições de ensino superior**. Brasília, 2016. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/L13267.htm>. Acesso em: 29/11/2017.

BRASIL JÚNIOR. **Conceito Nacional de Empresas Juniores (CNEJ)**. Brasília: Confederação Brasileira de Empresas Juniores, 2007. Disponível em: <<https://brasiljunior.org.br/crie-sua-ej>>. Acesso em: 27/06/2017.

BRASIL JÚNIOR. **Conhecendo o MEJ**. Disponível em: <<https://brasiljunior.org.br/conheca-o-mej>>. Acesso em 29/11/2017.

BRASIL JÚNIOR. **DNA Júnior**. Brasília: Confederação Brasileira de Empresas Juniores, 2015. Disponível em: <<https://brasiljunior.org.br/crie-sua-ej>>. Acesso em: 24/08/2017.

CURADO, I. Pesquisa historiográfica em administração: uma proposta metodológica. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPAD, 25., 2001, Campinas. **Anais...** São Paulo: ANPAD, 2001.

DAL PIVA, A. R.; PILATTI, L. A.; FERRAZA, D. C.; SILVA, E. Empresa Júnior: um laboratório de aprendizagem como diferencial para a formação acadêmica. In: XIII SIMPEP. **Anais...** Bauru, SP, 2006.

EMMENDOERFER, M. L.; CARVALHO, N. B.; PEREIRA, M. F. A Empresa Júnior como Estratégia Didática em uma Universidade Federal. **Revista ANGRAD**, 9, 2008.

FACULDADE R.SÁ. **Centro de poliatendimento da Faculdade R.Sá**. Disponível em: <<http://www.faculdadersa.edu.br/cprsa>>. Acesso em: 29/11/2017.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUIMARÃES, C. L.; SENHORAS, E. M.; TAKEUCHI, K. P. Empresa júnior e incubadora tecnológica: duas facetas de um novo paradigma de interação empresa-universidade. 2002 In: **Simpósio de Engenharia de Produção**. 2003.

LEMOS JÚNIOR, L. C.; SANTINI, R. B.; SILVEIRA, N. S. P. A Feminização da Área Contábil: um Estudo Qualitativo Básico. **Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade**, v. 9, n. 1, p. 64-83, 2015.

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál.**, Florianópolis, v. 10 n. esp., p. 37-45, 2007.

MATOS, F. **A empresa júnior no Brasil e no mundo**. São Paulo: Martin Claret, 1997.

OLIVEIRA, E. M. **Empreendedorismo social e empresa júnior no Brasil: o emergir de novas estratégias para formação profissional**. Curitiba: FAE Centro Universitário, 2005.

OLIVEIRA, E. M. **Trabalhando como consultor júnior: como ser consultor com pouca experiência?** Franca/SP: Ribeirão Gráfica, 2003.

SOUZA, G. C. Empresa Júnior: Uma ferramenta facilitadora do processo de aprendizagem através da aplicação imediata de conceitos e teorias à realidade empresarial no ensino de administração no Brasil. **Revista ANGRAD**, Rio de Janeiro: Associação Nacional dos Cursos de Graduação em Administração, v.3, n.4, p98-111, out/dez, 2002.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

APÊNDICE 1:

Roteiro de entrevista aplicado com os membros fundadores das empresas juniores da cidade Picos – PI.

Roteiro de Entrevista Membros Fundadores

1. Como você soube da existência de empresas juniores?
2. Conte sobre a história da fundação da EJ:
3. Onde você buscou informações para a fundação da EJ?
4. Você tinha conhecimento de alguma outra empresa júnior no estado do Piauí?
 - a. Se sim, você solicitou algum tipo de informação/ajuda a essa EJ para a fundação da sua EJ?
 - b. E de outro estado?
5. A EJ recebeu algum tipo de apoio dos professores para a fundação?
6. A EJ recebeu algum tipo de apoio por parte da IES para sua fundação?
7. A EJ recebeu apoio do corpo discente para a sua fundação?
8. Como a EJ providenciou os recursos iniciais (Financeiros e materiais) para sua fundação?
9. Como foi a escolha dos membros fundadores da EJ?
10. O que motivou a continuidade da EJ?
11. Quem ou de onde veio o maior apoio para a continuidade da EJ?
12. Quais foram as principais dificuldades encontradas durante a fundação da EJ?
13. Como você descreveria o período inicial da EJ?
14. O que a empresa júnior representa para você?
15. Pensando no contexto atual, como você avalia as empresas juniores na cidade de Picos?

APÊNDICE 2:

Roteiro de entrevista aplicado com os membros de diferentes gestões das empresas juniores da cidade Picos – PI.

Roteiro de Entrevista Membros de Gestões Posteriores

1. Como você soube da existência de empresas juniores?
2. Como você soube da existência da sua EJ?
3. O que motivou você ingressar na EJ?
4. Como foi a escolha dos membros da sua gestão?
5. Como você descreveria o seu período na EJ?
6. Quais foram as principais ações da sua gestão?
7. Quais foram as principais dificuldades da sua gestão?
8. Você tinha conhecimento de alguma outra empresa júnior no estado do Piauí?
 - a. Se sim, você solicitou algum tipo de informação/ajuda a essa EJ para a sua EJ?
 - b. E de outro estado?
9. O que a empresa júnior representa para você?
10. Pensando no contexto atual, como você avalia as empresas juniores na cidade de Picos?



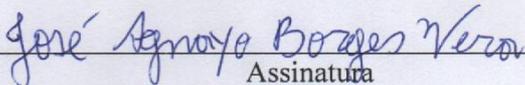
**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
() Monografia
() Artigo

Eu, **José Agnayo Borges Vera**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação *Empresas juniores na cidade de Picos – PI: uma abordagem histórica de minha autoria*, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI, 01 de Março de 2018.


Assinatura